

14 de abril de 2007

Sociologia

Professor: Alessandro de Melo – Turma Ser Social

Guarapuava PR

Exercício válido para a avaliação do primeiro bimestre, referente ao conceito de relações sociais

Em que mundo vive Esmeralda?

Ex viciada e ex-trafficante de *crack*, Esmeralda Ortiz se descobriu uma sobrevivente solitária quando começou a escrever sua história de vida. Ao remexer e ordenar o passado, procurou os amigos com quem se viciou, traficou e assaltou, companheiros de inúmeras prisões e de noites dormidas nas ruas. Estavam mortos, presos ou mentalmente incapacitados, vítimas da devastadora onda do *crack*. Esmeralda faz parte de uma estatística divulgada pela faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, baseada no estudo de 270 viciados em *crack*: 87% se envolveram em atos violentos, 62% admitiram ter roubado. Segundo esta pesquisa, 92% relataram sintomas de doenças respiratórias e 84% de doenças cardiovasculares. A imensa maioria citou ter passado por depressão e surtos de paranóia. Os pesquisadores constataram como era rotineira a tentativa de suicídio.

Sobrevivente da geração *crack*, Esmeralda investigou seu passado com a seguinte dúvida: Por que escapou do destino dos seus amigos? Voltou à cadeia para falar com os amigos, colheu prontuários nas prisões e clínicas psiquiátricas por onde passou, entrevistou terapeutas e assistentes sociais que a acolheram. Dessa pergunta, surgiu o livro, misto de diário de acerto de contas pessoal, intitulado *Esmeralda: Por que não dancei*.

Diziam que eu não tinha jeito, estava perdida. Eu mesma achava que não tinha jeito, escreve. Como a maioria daqueles que entraram no *crack*, imaginava-se mais forte do que a droga. *Eu pensava que em mim nunca ia entrar essa de crack, porque via os meninos do crack descabelados, sem tomar banho, se humilhando por causa de uma pedra*. Não resistiu. *Cada vez que eu usava, mais eu queria. Eu vivia para usar e usava para viver. Às vezes ficava uns dois meses sem tomar banho*. A delinquência tornou-se, então, obrigação. *Eu roubava qualquer um que estivesse na frente. Às vezes, ficava com tanta fissura que via um policial parado na minha frente e ficava pensando em dar um bote na arma, sair correndo e trocar por uns cinco papéis*. Vender virou a saída para comprar *crack*. *Os traficantes me disputavam, porque eu vendia muito e pagava para eles*.

Na rua desde os oito anos, quando fugiu de casa por não suportar a violência da mãe e o abuso sexual do padrasto, conheceu a estrutura de poder das gangues se misturando com a dos policiais, o implacável código de silêncio – cujo desrespeito implica a morte – e, depois, o código brutal da Febem. Em pouco tempo, sentia-se refém da dro-

ga. Magra, cabelo raspado, andava armada. *Estava vendo meus amigos morrendo ou sumindo. Eu vegetava, não tomava banho, ficava fedida*. Sentindo-se sem alternativa, desejava a morte, supunha que uma *overdose* liquidaria a angústia. Mas, ao mesmo tempo, queria se livrar da droga. *Estava conformada com a morte, mas, às vezes, eu rezava do meu jeito, pedia pra Deus me ajudar a sair daquela vida*.

Aquele lado que ainda tinha uma tênue esperança de saída fez com que se aproximasse, lentamente, de educadores do Projeto Travessia, no centro de São Paulo. Viveu então altos e baixos, mais baixos do que altos, com as freqüentes recaídas. *Tive de perdoar meu passado, para poder me perdoar*, escreve em seu livro. Na busca de apoio e cumplicidade, associou-se a grupos de viciados que procuravam tratamento, internou-se para desintoxicação, participou de oficinas de arte, voltou para a escola, arrumou uma casa. Descobriu sua paixão pela comunicação, o prazer de escrever poesias e músicas e a vontade de escrever um livro. Foi construindo sua alta estima.

Cometi muitas insanidades. Prejudiquei muitas pessoas. Às vezes, passo na rua e vejo as pessoas que eu já roubei, que já maltratei. Não tenho vergonha. Olho nos olhos delas e peço desculpas. Fez vestibular para um curso de Comunicação, sem acreditar que seria aprovada. Escreveu mais um livro infantil sobre as brincadeiras de rua...

Fonte: Gilberto Dimenstein – *O mistério das bolas de gude*. São Paulo: Papyrus, 2006. pp. 105-108.

Com base no texto acima, faça uma dissertação sobre o tema:

“A trajetória de Esmeralda é fruto das relações sociais em que viveu ou fruto de suas opções ao longo da sua vida”

Obs: mínimo 20 linhas, com citações do texto em que aparecem as relações sociais vividas por Esmeralda.

Este é um exercício prático de Sociologia, para verificar o entendimento do conceito fundamental de relações sociais.

Aproveitem!

